



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6291 - Trabalho Completo - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 12 - Filosofia da Educação

EDUCAÇÃO FILOSÓFICA NA INFÂNCIA: O JOGO TEATRAL E O RECONHECIMENTO DOS CARECIMENTOS DAS CRIANÇAS

Raquel Aline Zanini - UFPR - Universidade Federal do Paraná

EDUCAÇÃO FILOSÓFICA NA INFÂNCIA: O JOGO TEATRAL E O RECONHECIMENTO DOS CARECIMENTOS DAS CRIANÇAS

Esta pesquisa teve como objetivo investigar relação da infância com a educação filosófica sob a perspectiva da filosofia como “modo de vida” (HELLER, 1983), propondo-se a refletir como esta prática pode ser realizada partindo dos carecimentos das crianças, passíveis de serem reconhecidos a partir do jogo teatral e da improvisação que, aliados a filosofia proporcionam as crianças a realização da sua infância e espaço de fala e interação com seus pares.

Mas, há tensões que estão presentes no espaço educacional: dia a dia busca-se garantir às crianças o direito à educação, o acesso ao conhecimento, propiciando a elas uma formação, entretanto a dura realidade, principalmente da escola pública, coloca aos profissionais da educação um desafio: como possibilitar a todas as crianças uma formação humana, que proporcione o desenvolvimento cultural, político, social numa sociedade em que as marcas de classes são evidentes?

É no mundo às avessas de Galeano (2018) que essa problemática social fica mais evidente:

Dia a dia nega-se às crianças o direito de ser crianças. Os fatos, que zombam desse direito, ostentam seus ensinamentos na vida cotidiana. O mundo trata os meninos ricos como se fossem dinheiro, para que se acostumem a atuar como o dinheiro atua. O mundo trata os meninos pobres como se fossem lixo, para que se transformem em lixo. E os do meio, os que não são ricos nem pobres, conserva-os atados à mesa do televisor, para que aceitem desde cedo como destino, a vida prisioneira. Muita magia e muita sorte têm as crianças que conseguem ser crianças (Idem, p. 14).

Esse avesso na verdade explicita mais ainda a necessidade de se pensar numa educação filosófica desde a infância, reconhecendo a relação da infância com a filosofia e a possibilidade da criança em fazer e aprender filosofia, principalmente na escola pública. Isso torna-se fundamental a partir de uma perspectiva que compreende a filosofia como “modo de vida” (HELLER, 1983), pois essa relação de apreensão da filosofia de modo a torná-la *viva* no cotidiano apenas se concretiza num processo formativo que respeite a criança e possibilite a realização de sua infância (BENJAMIN, 2009), fugindo assim de uma educação de caráter

mecânico, técnico e moralista.

A estrutura do programa, proposto por Matthew Lipman (1990), que norteou o princípio da prática de filosofia com crianças dentro do espaço escolar, caracterizado como “filosofia para crianças”, marca uma segmentação do conhecimento filosófico inexistente que, nesta pesquisa, através da teoria da *filosofia radical* de Agnes Heller (1983) e de sua compreensão do processo de recepção filosófica, foi combatida.

Por meio da *filosofia radical* evidenciou-se outro modo de pensar a relação e as possibilidades da filosofia com crianças: uma educação filosófica, que proporcione a elas tanto o filosofar quanto a apreensão dos conhecimentos historicamente produzidos, rompendo com a ideia de uma filosofia *para* crianças ancorada na lógica e no desenvolvimento de um pensar “melhor”, ou de um ensino conteudista de filosofia, que não dá espaço para os carecimentos da infância e sua capacidade de criação e reflexão.

Deste modo, esta pesquisa realizou, por meio de revisão bibliográfica, um percurso por autores críticos, tanto no que diz respeito ao olhar sobre a filosofia, seu ensino, quanto sobre as crianças e sua infância, tendo como objetivo não o estabelecimento de uma metodologia, mas sim pensar possibilidades do fazer filosófico substantivo com as crianças a partir da compreensão do que seja a infância e a criança, o que naturalmente nos encaminha para pensar a dimensão da capacidade mimética (BENJAMIN, 1970) nesta fase e, assim, evidenciar a necessidade de sua presença na educação filosófica.

Reconhecer que a educação filosófica desde a infância possibilita a criança, por meio dos jogos teatrais e da improvisação, a exposição dos seus carecimentos e o contato com os conhecimentos filosóficos historicamente produzidos, possibilitando que processualmente gague seu espaço na sociedade, tendo “voz”, ou seja, abandonando a condição de sem fala (*in-fante*) desde a fase da infância (GAGNEBIN, 2005).

Entretanto, esse processo só pode acontecer ao reconhecermos nas crianças a capacidade de articular seu discurso, assim como sua capacidade de compreensão e apreensão de conhecimentos, que se desenvolve processualmente, em direção à abstração, à produção de semelhanças não-sensíveis, seja na linguagem ou através da escrita (BENJAMIN, 1970).

A problemática levantada alerta para a necessidade de aprofundamento da relação da infância com a prática filosófica reconhecendo e acompanhando mais cuidadosamente seu processo de envolvimento com a filosofia, ressaltando que há muitas *infâncias* e, deste modo, ao compreender o processo de educação filosófica sob a perspectiva do carecimento (HELLER, 1983) faz-se necessário atenção às especificidades desta faixa etária. Como nos aponta Matthews (1994), a problematização está diretamente relacionada às necessidades dos sujeitos, inclusive das crianças.

Esse reconhecimento da relação da infância com a filosofia mobilizou na pesquisa a problematização de dois elementos que estão na base da proposição inicial de filosofia para crianças (LIPMAN, 1990) que evidenciam um modo instrumentalista de pensar o ensino e a filosofia: a compreensão do que seja a experiência e do modo como se dá a apreensão da linguagem pelo ser humano.

O conceito de experiência da proposta de Matthew Lipman (1990) que, baseada no pragmatismo de John Dewey, entende a escola como local que proporciona, organiza e dirige as experiências das crianças, está em contraponto à compreensão de Walter Benjamin (2012, 2013), que evidencia a relação direta desta com a prática narrativa. A partir de sua reflexão acerca da pobreza de experiências na modernidade, devido a impossibilidade de manutenção da arte de narrar, o filósofo evidencia a necessidade de resgatar a dimensão expressiva da

linguagem em oposição radical à concepção da linguagem como mero instrumento ou “veículo” para transmitir informações e conhecimentos.

Bakhtin e Volochinov (1992) e Bakhtin (2011) defendem a língua como fenômeno social, que não pode ser apreendida se descolada do fluxo da história, assim endossa as reflexões benjaminianas quando se trata de pensar o modo como as crianças vão apreendendo a linguagem e o pensamento, reconhecendo que esse processo ocorre desde a infância por meio de suas relações sociais e com seus pares. Com este teórico se refuta a compreensão de que o processo de apropriação da palavra e do discurso se dá de forma mecânica, sendo possível seu endossamento por meio de exercícios lógicos e mecânicos, ignorando o caráter dialógico do discurso, assim como os conhecimentos historicamente produzidos e sua relação com o ser humano e suas necessidades.

De posse desses elementos, indica-se a urgência e pertinência de se romper com uma compreensão da filosofia como exercício de lógica, como técnica do bem pensar (LIPMAN, 1990), partindo para uma educação filosófica sensível aos carecimentos dos sujeitos da educação tendo na prática com jogos teatrais e improvisação essa possibilidade, reconhecendo a dimensão mimética da reflexão expressão infantil.

Em Agnes Heller (1993) temos a compreensão da filosofia não como dogma ou conteúdo a ser transmitido, mas como “modo de vida”, pois ao partir do carecimento (necessidades) dos seres, social e historicamente localizados, chega-se a um sistema em si concluído, que, mediante a recepção filosófica, possibilitará ao ser fazer de uma filosofia seu modo de vida (Ibidem).

Ressalta-se também que este processo não pode ocorrer sem que seja mediado pelos conhecimentos historicamente produzidos, de modo que, durante a educação filosófica, no diálogo e interação com seus pares e seu(sua) professor(a), o estudante vá compreendendo quais concepções forjam seu pensamento, seu discurso, seu modo de viver, reconhecendo-se como ator social apto a escolher seu modo de vida (Ibidem).

O professor tem papel fundamental nesta prática como aquele que observa e media o processo, conduzindo-a de modo a aliar a criação cênica à reflexão filosófica. Assim, é preciso que o professor, ao pensar a filosofia da infância e a relação da criança com a filosofia, busque encontrar em si a “criança que faz perguntas”, como indica Matthews (2001, p. 31), pois “se não for assim, a filosofia que fazemos em conjunto perde a sua urgência e a sua razão de ser”.

Para que se possa garantir um ensino de filosofia ancorado num processo de educação filosófica desde a infância é necessário olhar a partir da criança, garantindo a ela a realização da sua infância. Walter Benjamin (1970) e sua compreensão da capacidade mimética trouxe a esta pesquisa os subsídios finais para se pensar modos de reconhecer o potencial criativo e filosófico da infância, indicando de que modo os jogos teatrais e a improvisação entrelaçados à educação filosófica possibilitam sua efetivação. Para este filósofo a linguagem e a escrita se apresentam como as mais altas aplicações da capacidade mimética (ao ser analisada filogeneticamente), sendo que a destreza de sua utilização se atinge processualmente, tendo no jogo a “escola” para tal acesso (BENJAMIN, 2012, p. 117).

Em sua obra Benjamin (2009) argumenta em prol de um projeto educativo que garanta à criança a realização da sua infância, pois ela realiza seu conhecimento de mundo através do exercício permanente da imaginação, da fantasia e da sensibilidade, sendo que, por meio do brincar, empreende a organização do “seu mundo” e a identificação com o mesmo. Por isso a importância de se ressaltar que o brincar não é apenas a imitação do mundo adulto, mas é por meio dele que a criança inventa seu próprio mundo (BENJAMIN, 1970; 2012; 2009; BUCK-

MORSS, 2002).

É através do brincar e, em especial, do jogo teatral e da improvisação, que as crianças vão estreitando as relações com o pensamento, a linguagem, a história e sua realidade social, assim como, com o outro, isso dado num processo histórico da capacidade mimética que é maximizado pela prática mediada, principalmente no que diz respeito ao papel do(a) professor(a) (BENJAMIN, 2009; 2012).

A mimesis em Benjamin está ligada “por definição ao jogo e ao aprendizado, ao conhecimento e ao prazer de conhecer”, não permanecendo a mesma com o transcorrer do tempo, mas sendo sempre “descoberta e inventariada” pelos seres humanos (GAGNEBIN, 2005, p. 95). Essa mutabilidade, de acordo com o transcorrer dos períodos históricos, tem a ver com o fato de que cada época descobrirá e inventariará semelhanças. Aqui está a sua contribuição sem igual para as reflexões sobre a capacidade mimética: ela não desaparece com o desenvolvimento do saber racional e a valorização do saber científico, mas se refugia na linguagem e na escrita e migra gradativamente, chegando ao mais “completo arquivo de semelhanças não sensíveis” (BENJAMIN, 2012, p. 121).

O teatro proporciona a criança a autoria na escola em detrimento da decoreba e da repetição (BENJAMIN, 2009); a partir da práxis, aliando educação filosófica e jogos teatrais e improvisação, potencializa-se ainda mais o processo de enunciação da criança. Através deles a criança pode expor sua compreensão de mundo, seus enunciados. O professor, a partir do contato com a improvisação da criança, pode reconhecer seus discursos e os gestos infantis que são sinais de um mundo em que a criança vive e dá ordens, mas que também expressa sua relação com o social, o que potencializará a sua formação. Tal qual o pintor que “observa mais intimamente com a mão quando o olhar tolhe; que transmite a inervação receptiva dos músculos ópticos à inervação da mão criadora. Inervação criadora em correspondência precisa com a receptiva”, aliando a expressão verbal e corporal expressa em seus gestos a totalidade daquilo que querem comunicar (BENJAMIN, 2009, p. 116).

Esse “gesto infantil”, possível de ser visualizado nos jogos teatrais e na forma improvisacional do teatro, pode ser potencializado através das oficinas propostas por Walter Benjamin (2009, p. 109), com base na prática de Asja Lascis com as crianças russas. Os jogos teatrais propiciam à criança a expressão do modo mais autêntico, seus enunciados podem ser produzidos na relação com seus pares a partir da forma teatral, assim como propulsionam a reflexão filosófica da criança com seus pares.

Assim, por meio desta pesquisa foi possível reconhecer que relação da infância com filosofia é uma marca deste momento da vida dos seres humanos e a fase dos *porquês* é a expressão deste, pois a criança está conhecendo o mundo e se relacionando pela primeira vez com a sociedade e seus pares. A possibilidade de, através da prática com jogos teatrais e improvisação, a criança expor seus carecimentos, conhecer os dos seus pares e juntos, através das tensões engendradas por este modo de ensinar, forjar-se como sujeito são claras, pois durante o jogo a criança deixa de lado a ordem instituída pelo adulto e, através da mimesis e da repetição, inventa e reinventa sua relação com o outro e seu meio social, o que proporciona subsídios para se pensar uma educação filosófica.

Ao partir de uma concepção de filosofia como *radical*, diretamente vinculada a práxis, que possibilita a criança exposição dos seus carecimentos e reflexão acerca deste, abre-se espaço para uma renovação do ensino da filosofia, não apenas na infância, mas com elas em especial. Deixar de lado o caráter técnico e instrumental do ensino rompe com muitas limitações impostas ao ensino de filosofia.

Ao se reforçar nesta pesquisa o trabalho com os conteúdos historicamente produzidos

não se ambiciona o estabelecimento de um currículo historiográfico ou centrado exclusivamente sobre a leitura de textos filosóficos, mas o reconhecimento destes como recurso orientativo do processo investigativo entre as crianças, de modo a auxiliar na resolução das tensões que ali se estabelecem e que trazem em seu bojo os carecimentos das crianças envolvidas, marcando o estatuto da filosofia como disciplina.

Assim, esta investigação provoca a necessidade de se pensar uma prática filosófica que, entrelaçada com os jogos teatrais e improvisacionais, reconheça a necessidade de proporcionar às crianças a compreensão do seu pertencimento social, de que fazem parte de uma comunidade discursiva e que, neste sentido, a história e os conhecimentos até aqui produzidos marcam e endossam sua posição enquanto atores sociais, assim como seu potencial revolucionário.

Deste modo, a educação filosófica é uma possibilidade de resgatar a humanidade da sua indiferença e individualidade, pensando num processo de ensino que, partindo dos carecimentos sociais e da recepção filosófica, possa levar-nos à humanização e ao reconhecimento do homem em suas criações e produções, no seu trabalho, possibilitando às crianças, através dos jogos teatrais e da improvisação um meio de expressar característico desta faixa etária.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia com Crianças. Educação Filosófica. Jogos Teatrais. Infância.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M; VOLOCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 5 ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BENJAMIN, Walter. A capacidade mimética. In: AXELOS, Kostas et all. **Humanismo e comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.

_____. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Editora 34, 2009.

_____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 8. Ed. (Obras Escolhidas, v. 1). São Paulo: Brasiliense, 2012.

_____. **Escritos sobre mito e linguagem**. São Paulo: Duas Cidades, 2013.

BUCK-MORSS, Susan. **Dialética do Olhar: Walter Benjamin e o projeto das passagens**. Tradução de Ana Luiza de Andrade; revisão técnica de David Lopes da Silva. Belo Horizonte: UFMG; Chapecó: Editora Universitária Argos, 2002.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Sete Aulas sobre linguagem, memória e história**. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

GALEANO, Eduardo. **De pernas pro ar: a escola do mundo ao avesso**. Porto Alegre: LP&M, 2018.

HELLER, Agnes. **A filosofia radical**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

LIPMAN, Matthew. **Filosofia vai à escola**. São Paulo: Summus Editorial, 1990.

MATTHEWS, Gareth B. **A filosofia da infância**. Lidboa: Instituto Piaget, 1994.

_____. **A Filosofia e a Criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.